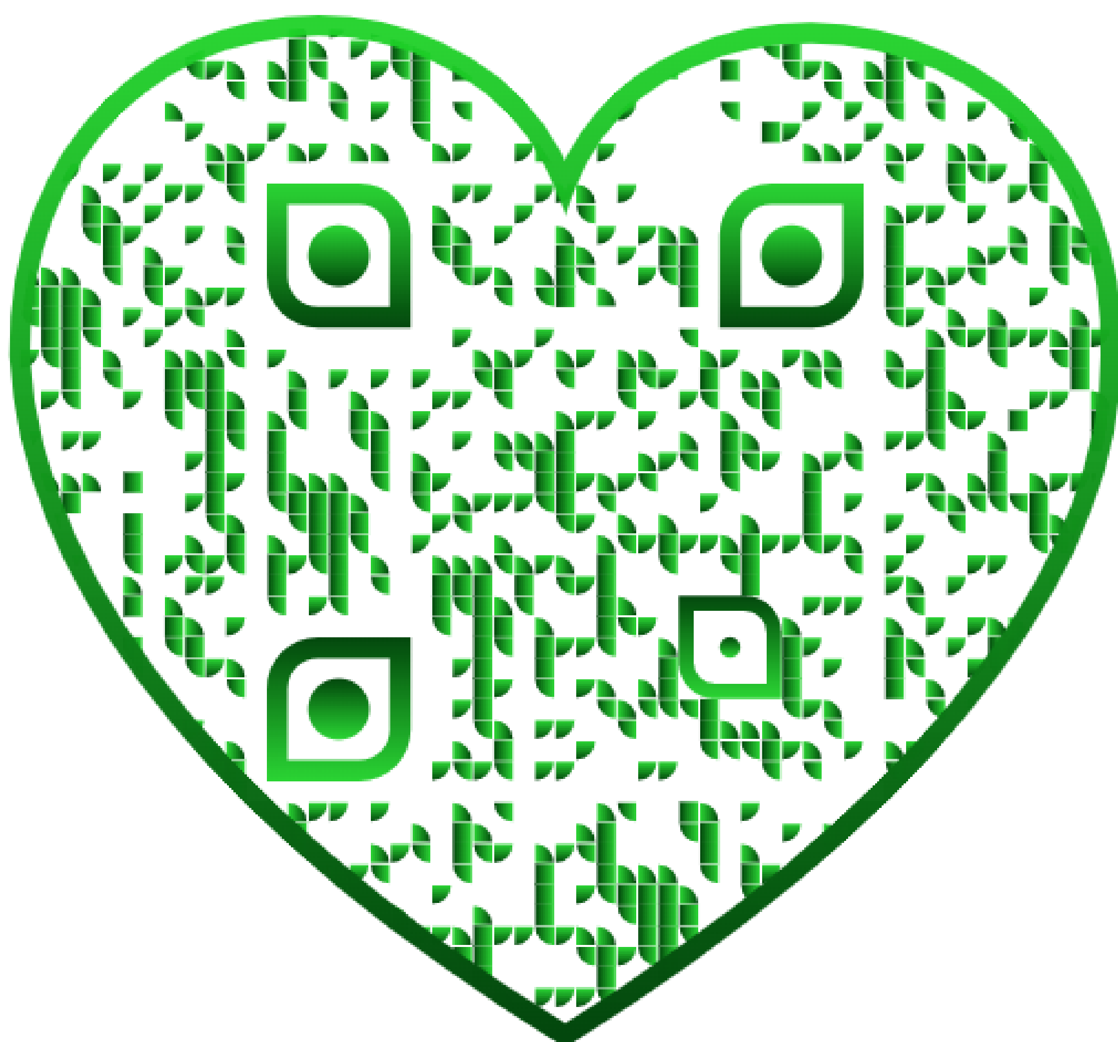
LOVER OF THORNS AND HOLY GODS

A TRIO OF
SHORT STORIES

GRACE DRAVEN

USA Today Bestselling Author of *Radiance* and *Eidolon*





AVISO 1

Essa tradução foi feita pelo grupo Shifter's Homeland, de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book. O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros destina-se, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que,por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



AVISO 2

Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se você quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Repeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato ebook em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!

Shifte's Homeland

Equipe Shifter

Tradução: Annie W

Revisão : Bec D Hunter

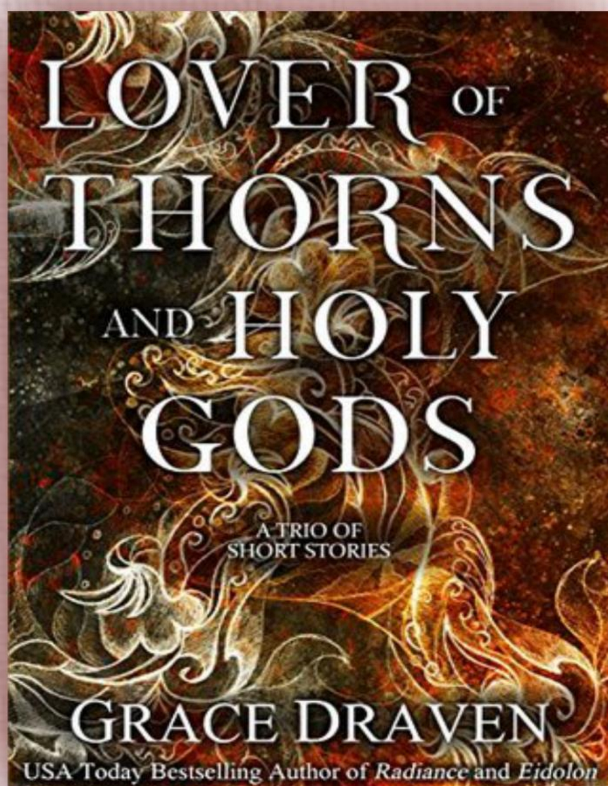
Formatação: Bec D Hunter

Shifters Apresenta

Grace Draven

Master of Crows

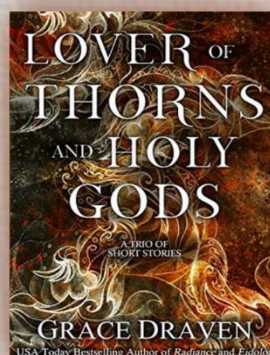
Próximos!



Lançamento



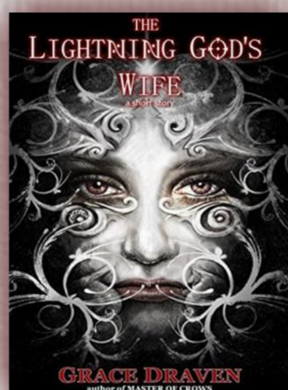






Distibuídos









SINOPSE

Um curto tempo depois de THE BRUSH OF BLACK WINGS (O toque das asas negras) em que um Silhara aterrorizado finalmente descobre porque sua amada esposa Martise está desaparecendo diante de seus olhos.

CROW AWAKENED

(Corvo Despertado)

Silhara sugou a fumaça da mangueira de seu narguilé e segurou até que pensou que seus pulmões poderiam explodir. Sua esposa estava morrendo; Ele estava certo disso.

Ele estava na janela e olhou para o laranjal crescendo das cinzas da destruição de um deus chamado Corruption. O inverno cercava firmemente Neith e todas as planícies circundantes. As mudas, envoltas em uma camada de neve, estavam como sentinelas agrupadas no muro de pedra que os cercava. Ao contrário de Silhara, elas tremiam com o vento que chicoteava os flocos de neve em pequenos turbilhões.

O Mestre dos Corvos ignorou o vento frio do inverno enquanto rodopiava pela janela aberta e lutava com o calor escasso fornecido pela lareira acesa em sua biblioteca.

Por enquanto, ele era um exilado em sua própria casa, enviado para uma câmara longe de seu quarto, onde uma bela prostituta chamada Anya cuidava de Martise, e um Gurn silencioso guardava a porta contra ele. Ele se recusou a sair, formando raios escaldantes chiando em arcos ameaçadores através das pontas dos seus dedos quando uma Anya carrancuda apontou para a porta e ordenou-lhe sair do quarto. Tinha sido por um fio de cabelo que ele não transformou a parceira de cama preferida de Gurn em uma marca queimada no chão, parou apenas pelo pedido mais suave de Martise.

Pálida e de olhos cansados, encolhida em sua cama e lhe deu um sorriso que não alcançou seus olhos. — Por favor, Silhara. — Ela disse em uma voz suave. — Gritar e rosnar para todos não está ajudando. Basta dar-me alguns momentos a sós com Anya. Você a chamou aqui por uma razão. Certamente você confia nela?

Silhara calado sem mais argumentos, ajoelhou ao lado da cama e apertou sua mão. Seus dedos eram como palitos de gelo em seu aperto. Nas semanas desde o seu regresso à Neith de um mundo sem vida povoado por um rei demônio e uma mulher em cativeiro, ela havia desbotado. Era a descrição mais precisa.

Ele beijou sua palma fria e colocou os cobertores mais confortavelmente ao redor de seus ombros antes de se levantar para encarar Anya que voltou o olhar com reprovação. — Por que eu te chamei mesmo? — Ele retrucou.

Uma sobrancelha preta delicada arqueou, e expressão desafiadora de Anya se suavizou. — Porque você confia em mim. E como você mesmo disse em sua nota, uma mulher entenderia a saúde de outra mulher muito mais do que um homem jamais poderia. Dê-me um pouco de tempo. Eu não sou uma curandeira, e se eu não puder determinar por que ela está doente, embora eu tenho minhas suspeitas, eu vou dizer-lhe para chamar uma. Até então, vá embora. Você não está fazendo bem a nenhum de nós pairando sobre sua cama como uma nuvem de tempestade esperando para explodir.

Ele desceu as escadas pisando desajeitadamente em direção ao primeiro andar e o isolamento frio de sua biblioteca. Abrindo as persianas da janela e deixando entrar uma rajada de ar frio que limpou um pouco a cabeça do medo sufocante que entupia seus pensamentos. O conhecimento arcano dos livros e

pergaminhos espalhados sobre a mesa não ofereceram socorro, e ele duvidava que poderia se concentrar tempo suficiente para lembrar o que poderia revelar se conseguisse lê-los. Optou, em vez disso, pelo conforto familiar de um fumo.

Enquanto o cheiro de matal no nariz atenuava seu terror, ele não fez nada para diminuir a velocidade de seus pensamentos. Seja qual for a doença de Martise estava lhe transformando em um espectro de uma mulher, e ele era impotente para detê-lo. A magia não teve nenhum efeito, nem as poções que ele preparou para ela, se ela conseguisse segurá-las em seu estômago por mais de um segundo.

Seu próprio dom, mais uma maldição do que uma bênção em sua opinião, a abandonara. Normalmente respondia à sua persuasão, mas havia se escondido profundamente dentro dela, um nó inflexível que se recusou a responder-lhe agora.

— Que coisa é essa que a enjoa? — Ele murmurou em meio a uma exalação de fumaça transparente. — Por que eu não posso quebrar seu domínio sobre você, amor? — Ele fechou uma mão em um punho e bateu contra uma das persianas. Ripas de madeira lascadas sob o seu golpe caíram sobre os pés. Ele odiava essa sensação de impotência!

Ele mentalmente catalogou os sinais iniciais de sua doença. Exaustão em primeiro lugar. Não apenas uma má noite de sono ou um dia de bocejos, mas cansaço, emagrecimento como se algum parasita invisível lentamente estivesse sugando a vida dela. Normalmente era alegre ao amanhecer, mas Martise tinha cambaleado para fora da cama todas as manhãs, apática e bocejando. Ambos Silhara e Gurn a pegaram dormindo em pé várias vezes, dormia enquanto se

encostava contra a parede do pátio com a neve flutuando ao seu redor e a cabra que ela estava ordenhando mastigava com entusiasmo a bainha de sua saia, dormindo na mesa enquanto esperava Gurn preparar o chá ou servir o jantar e não importava onde estava ou o que estava fazendo, se ela parasse de se mover, dormia. Até mesmo adormeceu sobre ele enquanto faziam amor, um evento que ele tinha no início achado esmagadoramente humilhante.

A doença a levou ao máximo da exaustão. Martise vomitou tudo o que passou pelos seus lábios, de pão com manteiga a chá quente. Os sons de vômitos, provocados não apenas pela ingestão de alimentos, mas também ao sentir o seu cheiro. Pálida como leite e ficando mais magra a cada dia, as únicas cores que tinha em seu rosto eram as olheiras sob os olhos e a coloração esverdeada doentia que sinalizava uma procura frenética pela tigela que Gurn agora mantia sempre por perto, para pegar o pouco que ela conseguiu colocar em seu estômago.

Anya não lhe disse qualquer coisa que ele já não tivesse conhecimento. Ela não era uma curandeira, mas ela possuía algo que nenhum curandeiro tinha: a sua confiança. Ele enviou-lhe uma nota, que esperava que ela pudesse ser capaz de ler, apesar do rabisco frenético através do pergaminho perfurado por uma pena e salpicado com tinta. Ela chegou tão rapidamente, que ele suspeitava que ela ainda estivesse lendo sua mensagem quando ela parou o cavalo em sua porta.

O silêncio de Neith, uma coisa que ele normalmente estimava e vigilantemente protegia contra intrusos, o pressionava agora, um jugo pesado que curvava seus ombros. — Você não pode morrer, Martise. — Ele rosnou sob sua respiração. — Eu a proíbo.

Aqueles finos fios de compaixão ou de honra que possuía foram reforçados por sua esposa de fala mansa e tranquila. Ela o fazia se lembrar de sua humanidade, o fazia buscar a melhor parte de si mesmo, ele sempre foi vulnerável à escuridão implacável inerente em sua natureza. Se ele a perdesse...

Um tremor forte sacudiu todos os ossos do seu corpo, e seus dentes batiam até que ele apertou a mandíbula o suficiente para causar dor nos ouvidos. Ele não iria perdê-la. Ele havia vencido um deus e desafiou um rei demônio. Ele iria lutar contra tudo o que tentar tirar Martise dele agora.

Ele girou quando a porta se abriu. A expressão cautelosa de Gurn não oferecendo qualquer pista sobre o que Anya poderia ter descoberto. Ele simplesmente fez um gesto para Silhara e saiu do caminho quando o mago atravessava a porta em direção as escadas.

Anya o cumprimentou na porta com um sorriso conhecedor e os olhos cheios de riso. Isso o atordoou, e ele fez uma careta para ela, perplexo. — O que a deixou doente? — Disse.

Seu sorriso se intensificou quando ela passou por ele. — De certa forma, foi você. — Suas sobrancelhas arquearam, e Anya riu. — Vou deixá-la explicar. Eu vou voltar em breve com um pouco de chá. — Ela fechou a porta atrás dela, deixando-o sozinho no quarto com Martise.

Sua esposa lhe ofereceu um sorriso com lábios pálidos. O coração de Silhara deu uma guinada em sua garganta. Ela parecia tão mal agora como quando ele a deixou aos cuidados de Anya. Seu rosto deve ter revelado alguns de seus pensamentos, porque ela sentou de um lado da cama e deu um tapinha no espaço

ao lado dela em um convite silencioso para ele se sentar. — Eu não estou morrendo, Silhara.

A confiança em sua voz aliviou o medo, bem pouco e só por um momento. Ele se sentou na cama e lhe abraçando, pegou o rosto dela entre as mãos e a beijou levemente. Os lábios de Martise estavam secos, pareciam papel contra os dele, e ele os umedeceu com um golpe de sua língua. — Claro que não. — Ele murmurou. —Eu não vou permitir isso.

Sua boca se curvou em outro sorriso. Ela apertou a mão fria em seu peito, e se assustou em como estavam geladas. Ele seguiu sua ordem de levantar, para que ela pudesse sair debaixo das cobertas. Não sem protestar antes. — O que você está fazendo? Mesmo com o fogo aceso, esta mais frio do que uma cripta aqui. — Martise o silenciou e empurrou as cobertas até os joelhos, revelando a mudança que ela queria falar. Ela capturou uma de suas mãos e apertou-a contra sua barriga, uma vez plana e agora côncava por falta de nutrição. —Estou grávida. — Disse ela.

A simples declaração, pronunciada em tom de afirmação poderia muito bem ter sido como um deus proclamando guerra em sua terra. Silhara retirou a mão e ficou de pé, como se Martise de repente explodisse em chamas.

Ela riu enquanto ele estava ali de boca aberta para ela e, em seguida, olhando assustado para o local onde a sua mão tinha descansado. — Eu disse a Anya que você iria reagir dessa maneira.

Silhara abriu a boca para responder e fechou-a novamente quando as palavras não saiam de sua boca. Nenhum pensamento chegava a sua mente,

apenas as duas palavras saltavam dentro de seu crânio como pedras pulando em toda a superfície de um lago. Ele olhou para sua barriga, depois de volta para seu rosto.

O medo borbulhando sob a superfície transformado em terror absoluto, mais forte que qualquer outro que já sentiu, desde a infância, quando um carrasco envolveu a corda em volta de seu pescoço e o sufocou.

— Como isso aconteceu? — Ele perguntou quase um sussurro forçado a sair entre os lábios pressionados contra os dentes que formigavam.

Sua suave risada morreu, substituído pelo choque e incerteza. — Da maneira como essas coisas costumam acontecer. — Ela disse, em uma voz que lembra de alguém cautelosamente se aproximando de um animal ferido e na esperança de evitar um ataque.

Toda a força que existia em suas pernas e joelhos vacilou. Ele balançou a cabeça, seu olhar congelado em sua forma pequena na cama. Não parecia possível, mas ela conseguiu ficar ainda mais pálida. Seus olhos cor de cobre, estavam brilhantes com lágrimas. Ele a machucou, como um corte até o osso, com sua resposta.

Ele queria se desculpar, e cair de joelhos e implorar seu perdão, mas as palavras estavam congeladas em sua língua. Um pensamento circulava sem parar em sua mente: isso não deveria ter acontecido.

A bênção da magia dada pelos Dons não vinha sem um preço. A maioria dos magos, homem ou mulher, não procriavam ou concebiam filhos. O Dom não vinha em uma linhagem, uma medida de precaução natural que parecia

garantir que nenhuma família acumulasse só para eles mesmos todo o poder. O Dom era uma coisa arbitrária, manifestando-se em gerações onde ninguém recebeu o Dom e em outras gerações vários o receberam. Silhara e seu tio materno possuíam; sua mãe não tinha, nem teve seu pai Kurman. Martise era dotada, mas pelo seu conhecimento, nenhum dos seus irmãos e nenhum dos pais tinha o dom.

Uma criança nascida de um pai ou uma mãe possuidora do Dom era única. Uma criança nascida de pais que eram ambos dotados era extremamente raro. Com esse conhecimento fabricavam poções que matariam as sementes de um homem ou fecharia o útero de uma mulher, achava uma coisa desnecessária, para ele e sua esposa, ou assim pensava. Ele estava errado, terrivelmente, terrivelmente errado.

Tudo o que ele tinha feito para protegê-la de deuses corruptos, sacerdotes intrometidos e reis Demônios presos, havia sido em vão. Ele tinha se tornado a coisa mais mortal para ela.

Ele falou após a corda invisível apertando sua garganta. — As mulheres morrem no parto. — Sua voz, já danificada, sussurrou as palavras entre eles. — Frequentemente.

Enquanto lágrimas ainda brilhava em seus olhos, a expressão desesperada de Martise aliviou. Ela estendeu sua mão. — Venha para mim. — Disse ela. Ele agarrou seus dedos e a deixou puxá-lo para baixo para a cama mais uma vez. Ele arrastou os cobertores sobre seu corpo, protegendo-a do frio. Ela colocou a palma de sua mão contra sua bochecha fria. —Silhara, pessoas morrem de muitas coisas. Frequentemente. E muitas mais mulheres sobrevivem ao parto do

que as que morrem. Nosso mundo seria um muitíssimo povoado se não fosse, não é mesmo? — Ela ofereceu-lhe um sorriso tranquilizador. — Você mesmo as muitas famílias grandes. Essas mulheres deram à luz várias crianças sem contratempos.

— Você não é apenas uma mulher sem nome. Você é Martise; você é minha esposa. — Você é a razão de eu saudar o dia. Ele considerou que poderia ser a única e a última e tentou, por causa dela, sufocar seu medo.

— E eu vou ser a mãe saudável, e muito feliz de seu filho. — Os olhos dela se iluminaram de cobre para âmbar, e ela sorriu. — Eu vou ficar feliz por nós dois até que você se ajuste à ideia e esqueça essa certeza do meu fim prematuro.

Silhara fez uma careta. — Isso não é engraçado, Martise. — Ele olhou para o lugar onde os cobertores estavam e cobriu seu estomago. Atrás de sua pele e delicado umbigo, não se escondia uma criança criada com devoção apaixonada entre um homem e sua esposa, mas uma ameaça.

Martise apertou sua mão. — Sinto muito lhe provocar, mas eu não posso temer o que eu considero uma notícia maravilhosa.

Ela não disse isso, mas Silhara ouviu a prece silenciosa em sua voz. Seja feliz comigo. Ele não poderia, ainda não, não enquanto estava agarrado na agonia do terror sobre um possível futuro sem ela.

A porta abriu e Anya entrou, trazendo uma bandeja com um bule de chá e uma xícara. O aroma de hortelã encheu a sala. Gurn seguiu atrás dela, carregando uma garrafa de mijo do Dragão. Ele não se preocupou com as sutilezas de um cálice.

Anya colocou a bandeja sobre uma mesa próxima e serviu o chá na xícara. Ela entregou para Martise. — Isso deve acalmar o seu estômago. Como Silhara sabe, hortelã é bom para a doença de barriga. — Ela virou seu olhar para Silhara. — Gurn te conhece bem. Ele disse que você precisaria de algo muito mais forte do que o chá quando Martise lhe desse a notícia. Pelo olhar de vocês neste momento, ele estava certo.

Silhara muito agradecido aceitou a garrafa que Gurn entregou a ele, abriu-a e tomou um grande gole. A bebida queimava no seu caminho para baixo, da sua garganta para o seu intestino, uma piscina de fogo líquido. Fez um bom trabalho de limpar a cabeça do medo ameaçando sufocá-lo.

— Você tem certeza de que ela está grávida?

Anya assentiu. — Absolutamente. Se você tivesse outra mulher na casa, que tivesse dado à luz, você saberia antes. Ela carrega todos os sinais, com exceção da barriga. Você pode resolver isso com alimentos leves que ela possa manter no estômago. E certifique-se que ela beba o suficiente. Chá, água. Sempre com hortelã até que os enjoos desapareçam.

Parte dele compreendeu e estava grato que o que atormentava Martise atormentava todas as mulheres. Poderia ter sido pior, infinitamente. Havia doenças devastadoras sem nome e sem cura. Ela não tinha nada disso, pelo menos. Ele só tinha que esperar e rezar (agora havia um pensamento que o animou) ela iria sobreviver ao parto.

Uma grande mão pousou em seu ombro e apertou. Os olhos azuis de Gurn acenderam com simpatia e alegria. Ele entendeu as preocupações de Silhara, mas ficou feliz como Martise com a notícia de um novo membro em sua família.

Anyah correu a mão amorosa pelo braço do servo. — Vem, Gurn. Vamos deixá-los a sós. Eu suspeito que o senhor pode precisar de outra garrafa de Fogo do Peleta para acalmar seus nervos. — Ela riu quando Silhara olhou para ela. — Parabéns papa — Disse ela, usando a palavra Kurman "papa".

Quando estavam sozinhos novamente, Martise capturou uma mecha do cabelo de Silhara e enroscou-o através de seus dedos. — Eu gosto disso. Eu seria Amé, sim?

Ele assentiu. Quase por vontade própria, sua mão deslizou sobre os cobertores para descansar sobre seu abdômen. Martise calou, esperando. Seu dom, volátil e protetor, tinha abandonado Martise quando o rei demônio Megiddo a sequestrou. Assim ele pensou na época. Mas nunca tinha a tinha abandonado, nunca se escondeu, só recuou para guardar algo mais fraco e mais vulnerável do que Martise, esta nova centelha de vida abrigada dentro dela.

Apesar do medo, sua curiosidade surgiu. Concentrou-se, murmurando um feitiço que ele não tinha usado antes para atrair o dom de Martise para responder a ele. Não o tinha feito em tentativas anteriores. Silhara concentrou-se, com olhos fechados, oferecendo uma tranquilidade silenciosa de que ele não significava nenhum dano, que este ser que ele ajudou a criar era parte da mulher que ele mais valorizava e, portanto, sob a sua proteção.

Seu dom, diferente do dele, quase consciente e independente, estendeu a mão. Ele sentiu seu toque, como um dedo fantasmagórico que deslizou pelo seu espírito em uma carícia hesitante. Foi diferente desta vez, a sua luz âmbar estava em prata brilhante. Ele a viu em sua mente. Dentro dessas cores, uma faísca brilhante dançava e pegou-a antes de fugir.

Silhara respirou fundo, inundado pela sensação, de fragilidade, de ... reconhecimento. O sentimento o acertou como uma lâmina e tocha, sarando a fervura do seu medo e cauterizando a ferida deixada para trás. Ele riu baixo em sua garganta, os olhos ainda fechados, perdido na conexão entre ele e está criança que ele tinha gerado na mulher por quem ele tinha sacrificado tudo.

— Olá, pequeno corvo — Ele disse suavemente.

~ FİM ~